

MACHADO DE ASSIS E O FANTÁSTICO ESPELHO

*Ana Cristina Pimenta da Costa Val**

RESUMO

Murilo Rubião, escritor mineiro considerado o precursor do realismo fantástico na literatura brasileira, afirma ser Machado de Assis, uma de suas principais influências, o responsável por esse título. Visando discutir a viabilidade da afirmação do autor de *O pirotécnico Zacarias* e as contribuições que a recepção da obra de um escritor por outro pode trazer para a História da Literatura Brasileira, este trabalho pretende analisar a presença das características inerentes à literatura fantástica em “O espelho”, conto de Machado de Assis.

As tentativas de se escrever a história da literatura são sempre objeto de discussão entre estudiosos da historiografia literária. No momento presente, existe, ainda, um grande interesse pela Estética da Recepção, pois o resgate do leitor, sugerido por Jauss, possibilita conhecer como sua participação, através do processo de leitura, é decisiva para a construção da história da literatura. De maneira geral, as correntes críticas que se ocuparam de teorias da literatura se voltaram, ainda que de maneira indireta, para a escrita historiográfica. Embora reconheça a importância destas colaborações, elas não serão discutidas neste momento, porque o objetivo deste artigo é relacionar determinados pontos das teses de Jauss com uma declaração de Murilo Rubião sobre a presença do fantástico em Machado de Assis.

Jauss, mentor da teoria da recepção, critica a escrita historiográfica tradicional, porque, ao apoiar-se no ideal de objetividade e linearidade, o historiador apresenta a história da literatura como uma série de acontecimentos acabados que se constituíram sem a participação do leitor. Afirma que este critério não é válido, uma vez que a implicação histórica de uma obra literária reside, fundamentalmente, em seus processos recepcionais (Jauss, 1994, p. 7). Estes seriam, segundo Jauss, a opção mais viável para se escrever a história literária, em virtude de ser o fundamento dessa disciplina:

* Mestranda em Estudos Literários da FALE – Universidade Federal de Minas Gerais.

A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de gerações em gerações, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética. (Jauss, 1994, p. 23)

A sugestão de Jauss resultou em vários esforços para se escrever a historiografia literária, a partir da óptica do leitor. Algumas tentativas nesse sentido devem ser lembradas. Lajolo e Zilberman apresentam uma proposta de escrever a história literária brasileira, sob a perspectiva do sujeito-ledor, obedecendo ao critério diacrônico (Lajolo e Zilberman, 1996). A análise dessas professoras peca por restringir o leitor à estrutura interna da narrativa. Boechat afirma que as leituras convencionais de Alencar e do romantismo brasileiro se devem à sua recepção inicial (Boechat, 1997). Borges pretende encontrar características em comum a Zenão, Han Yu, Kierkegaard e Browning à luz das idiossincrasias do texto de Kafka (Borges, 1989). A recepção do autor de **A metamorfose** por Borges acaba por fornecer duas sugestões diferentes. A primeira é que o diálogo entre textos de diferentes momentos é capaz de revelar uma leitura ainda não explorada de um determinado escritor. A segunda é de que a escrita historiográfica pode acontecer a partir da suspensão da linearidade, já que é um escritor cronologicamente atrasado quem determina os seus precursores.

A sugestão de Borges aponta um caminho interessante para se refletir a história da literatura – a recepção de um escritor por outro pode revelar características inusitadas de uma determinada obra e contribui para refletir a história da literatura, sob a perspectiva do leitor. Nesse sentido, podem-se avaliar as declarações de Murilo Rubião que afirma ter a narrativa de Machado de Assis traços da literatura fantástica. O título geralmente atribuído ao autor de **O pirotécnico Zacarias** – precursor do realismo fantástico na literatura brasileira¹ – pode ser conferido ao autor de **D. Casmurro**, tal como declara Rubião: “O fantástico em nosso século, cujo maior precursor é Kafka, e aqui no Brasil é Machado de Assis, é muito diferente daquele do século XIX”. (Rubião, 1979)²

A declaração do escritor possibilita apontar, de fato, algumas marcas do fantástico na obra de Machado de Assis. Em “Idéias de Canário”, a ave é um ser falante que, nas entrelinhas, faz uma crítica à sociedade. Em “A Igreja do Diabo”, Deus e o Diabo disputam o domínio dos fiéis, revelando as contradições inerentes ao ser humano. A obra **Memórias póstumas de Brás Cubas** foi escrita por um defunto-autor. Essas situações são inerentes à literatura fantástica, que se caracteriza pela introdução do insólito na narrativa. Para demonstrar a viabilidade da tese de Rubião,

¹ Massaud Moisés afirma que a crítica literária consagrou Murilo Rubião como o precursor da literatura fantástica no Brasil. (Moisés, 1989)

² O artigo citado neste trabalho pertence ao acervo de Murilo Rubião, que é parte integrante do projeto “Acervo de Escritores Mineiros”, administrado pelo Centro de Estudos Literários da Fale – UFMG, coordenado pelo Professor Doutor Wander Melo Miranda.

será analisado o texto “O espelho”, que pode ser considerado um conto fantástico. Esta estória foi publicada originalmente no livro **Papéis avulsos**, em 1882, um ano após a publicação de **Memórias póstumas de Brás Cubas**, marco da segunda fase de Machado de Assis.

Em sua primeira fase, o escritor já explora a psique humana, traço que diferencia sua obra das publicações daquele momento e assinala sua superioridade entre os autores brasileiros. Nesse período, porém, mostra-se um pouco limitado por temas e modelos de personagens românticos (Pereira, 1988, p. 63). É na segunda fase de suas narrativas que Machado apresenta de maneira mais contundente situações em que a psicologia é colocada à prova através da exposição dos sentimentos conturbados, das fraquezas, vaidades e contradições inerentes ao ser humano. Em “O espelho”, a introdução do insólito, uma das características determinantes da literatura fantástica, possibilita conhecer a fragilidade de Jacobina e do meio social em que a personagem está inserida.

AS ARMADILHAS FANTÁSTICAS DO ESPELHO

Filipe Furtado, em **A construção do fantástico na narrativa** afirma que embora a narrativa fantástica, aparentemente, goze de uma certa liberdade, ela é muito mais limitada e convencional do que as narrativas do maravilhoso, do estranho e do romance policial (Furtado, 1980, p. 55). A restrição, de que fala Furtado, deve-se à tentativa de bem articular as peculiaridades da narrativa fantástica, a fim de assegurar a credibilidade em sua característica principal – *a encenação invariável de fenômenos ou seres inexplicáveis e, na aparência, sobrenaturais*, (Furtado, 1980, p. 19) o que, geralmente, é denominado de insólito. “O espelho” pode ser considerado um conto fantástico em virtude de o objeto por ele designado não refletir a imagem de Jacobina, quando a personagem não está fardada, o que não pode ser explicado pelas leis da natureza, segundo as quais um espelho sempre produz uma imagem, quando há luminosidade suficiente.

O objetivo do fantástico não é o rompimento total com o mundo empírico, o que caracterizaria o maravilhoso.³ Na narrativa fantástica, deseja-se que a introdução do insólito promova um questionamento sobre a realidade circundante.⁴ Por isso, se faz necessário que esse texto seja caracterizado pela verossimilhança – para que os episódios narrados sejam dignos de crédito – e pela ambigüidade – ficando, nesse caso, garantida a impossibilidade de uma explicação racional para os fatos.

³ Filipe Furtado afirma que no texto maravilhoso não existe sequer a tentativa de passar por verdadeiros os acontecimentos insólitos. (Furtado, 1980, p. 35)

⁴ Irene Bélière assegura que a narrativa fantástica põe em cena a realidade que representa através de uma lógica e temática próprias da narrativa. (Andrade, 1985)

O caráter verossímil do texto em questão se faz, entre outras coisas, em função da localização dos acontecimentos em um ambiente familiar: o “sítio escuso e solitário” de D. Marcolina é um espaço conhecido da realidade do leitor; reconhece-se o Rio de Janeiro pelo fato de a residência, em que acontece a discussão, estar localizada no morro de Santa Tereza. Observa-se ainda a narrativa em primeira pessoa: Jacobina sobrepõe-se ao primeiro narrador, o qual focaliza a discussão dos cinco debatedores, introduz e finaliza a narrativa, quando relata os acontecimentos vivenciados pelo protagonista no sítio de sua tia.

Jacobina, ao tomar a palavra, pretende demonstrar sua teoria de que o homem possui duas almas – uma interna e outra externa. A completude dessas duas almas pode ser compreendida como um processo de espelhamento entre o homem e sociedade, metaforizado pelas variações da imagem do protagonista no espelho.

A personagem principal utiliza as repercussões de sua nomeação como alferes da Guarda Nacional para demonstrar sua teoria sobre a alma. Duas foram as reações em relação à sua designação – despeito e louvor. As homenagens e repulsas funcionam como o primeiro espelho em que Jacobina se vê como oficial. Através dessas atitudes, o protagonista tem a sua individualidade ignorada e passa a ser reconhecido somente como Senhor Alferes. Acontecimento determinante, nesse sentido, é a recusa da tia, D. Marcolina, em usar o apelido do sobrinho, Joãozinho, substituindo-o pelo título de oficial. O gesto dessa senhora é copiado pelo cunhado e pelos escravos, o que funciona como um espelho para Jacobina.

Na falta da tia e do irmão do tio Peçanha, obrigados a viajar para socorrer a filha de D. Marcolina, e dos escravos, que fogem por causa da ausência de sua senhora no sítio, não existe mais possibilidade de o protagonista continuar a ver-se como oficial no olhar do outro, motivo pelo qual padece.

Uma das tentativas de Jacobina para aliviar o tédio, proveniente de sua solidão, é dormir para, em sonhos, voltar a ser o Senhor Alferes, através da fala e do olhar daqueles com quem convivia. Outro recurso é mirar-se no espelho, oferecido como presente por D. Marcolina, sempre ansiosa por agradar ao sobrinho.

A princípio, o protagonista mostra-se temeroso de olhar-se e de achar-se um e dois. O receio de Jacobina, talvez, fosse se defrontar com a fragilidade de sua imagem de oficial cuja existência não dependia somente de seu olhar. Passados alguns dias, decide mirar-se com o propósito de ver-se justamente dois. O espelho, neste momento, apresenta uma imagem difusa do protagonista. Perplexo, veste sua farda e olha-se novamente. Desta vez, a lâmina oferece a ele a imagem nítida e integral do alferes.

Neste momento, podem ser verificadas duas marcas determinantes da literatura fantástica: a introdução do insólito na narrativa assinalada pela irregularidade das imagens reproduzidas no espelho; e a verossimilhança garantida pela evocação das leis da física, quando Jacobina afirma que a sua imagem é refletida, embora de

maneira difusa.

O protagonista assegura ser a nitidez de sua imagem com a farda resultado da restituição da alma externa. Lúcia Miguel Pereira, por sua vez, explica a alma exterior como um recurso material a que as personagens machadianas se apegam porque não dão conta dos sentimentos e impulsos que as governam (Pereira, 1988, p. 90-91). A alma exterior de Jacobina pode ser tanto a farda como a imagem de alferes. Reencontrá-la significa paz para seus sentimentos conturbados, porque possibilita à personagem restituir a vaidade introjetada desde sua nomeação.

O fato de necessitar de espelhos para reconhecer-se como alferes é um atestado da fragilidade de Jacobina e da sociedade em que vive. Os sonhos, padecimentos e miragens no espelho são recursos através dos quais Machado de Assis denuncia uma sociedade que valoriza as aparências, em detrimento da personalidade. Interessa ao sistema social o que o homem produz e pode lhe oferecer econômica e socialmente; isso faz com o seu caráter ou sentimentos particulares sejam desconsiderados e as aparências extremamente desvalorizadas.

Pereira confirma a exaltação das aparências no universo machadiano, uma vez que importa às personagens “parecer” e não “ser” (Pereira, 1988, p. 94). Jacobina existe apenas como profissional porque há pessoas que necessitam do trato íntimo com um alferes, como forma de garantir o status social. A intimidade com o militar empresta aos que convivem com ele o seu prestígio. A assimilação da imagem profissional por Jacobina, demonstrada pelo insólito, permite conhecer a fraqueza psicológica da personagem.

O protagonista não consegue mais estar sozinho consigo mesmo e se defrontar com o homem medíocre que deixou-se ser suplantado pelo alferes. Necessita sempre ser o profissional, porque é assim que existe para si mesmo e para a sociedade, visto que não consegue mais superar a vaidade resultante dos elogios e bajulações.

Uma interpretação possível para as variações das imagens de Jacobina seria relacionar os reflexos com a posição social que ocupa em cada momento. Já que não interessa a existência do homem, a sua imagem é irregular e difusa, mas uma vez que é interessante a permanência do alferes, o seu reflexo é integral e nítido. Daí o paralelo apontado entre o espelho e o olhar das personagens, porque ambos reagem da mesma maneira à apresentação de Jacobina como indivíduo e profissional. Essas mudanças instauram a ambigüidade no conto, porque se pode questionar se a teoria de Jacobina comprova, de fato, a posse de duas almas pelo homem ou se as informações do protagonista são verídicas. A irregularidade das imagens na lâmina permite conhecer também o tratamento irônico que Machado de Assis dispensa à discussão das personagens e à relação entre filosofia e literatura fantástica.

Roberto Schwarz, em **Um mestre na periferia do capitalismo**, mostra como o Brasil de 1800 é contraditório, à medida que parece assimilar as perspectivas oito-

centistas do estado nacional – trabalho livre, liberdade de expressão, igualdade perante à lei – mas, ao mesmo tempo, mostra-se preso às justificações colonialistas do século XVII (Schwarz, 1991, p. 36). Este contraste é revelado pelo meio social das personagens machadianas. Em “O espelho”, a questão econômica não é mencionada, mas a contradição é visível porque os cavalheiros, apresentados no início do conto, querem mostrar-se entendidos em assunto complexo, a metafísica, que, na verdade, não dominam. A ironia se faz presente neste pedantismo que traduz a ignorância local. Esta atitude irônica é confirmada pela linguagem porque nas expressões: “alta transcendência”, “coisas metafísicas” e “os mais árduos problemas do universo”, os adjetivos empregados junto aos substantivos apontam o contraste existente entre a complexidade do assunto e o seu pretensioso domínio por parte dos debatedores.

Já a relação entre filosofia e literatura fantástica pode ser percebida, quando Jacobina é solicitado a dar seu parecer sobre a natureza da alma. A história do protagonista questiona a credibilidade no suporte filosófico do debate – a metafísica. André Lalande comenta a dificuldade de definir um conceito para essa vertente da filosofia em função da complexidade do assunto e das abordagens de diferentes filósofos. Dentre as definições apresentadas por Lalande, as mais satisfatórias para a análise de “O espelho” são as que consideram a metafísica como:

(...) a ciência da existência em geral; a ciência de certas existências, como as de Deus e das almas, inacessíveis em si mesmas à experiência, mas consideradas para a explicação quer do conjunto das coisas, quer de certos fenômenos em particular; e admitidas, quanto ao seu ser e maneiras de ser, para e segundo a necessidade dessa explicação (por exemplo, alma deve ser imaterial, porque a consciência que temos de nós próprios é simples). Ou ainda, conhecimento pela Razão, considerado como o único capaz de atingir o fundo das coisas, segundo os primeiros princípios das ciências físicas e morais. (Lalande, 1993, p. 668-669)

De acordo com essas definições, a alma é compreendida como una, indivisível, passível de ser explicada pela razão. O insólito, presente nas variações dos reflexos de Jacobina no espelho,⁵ questiona a preponderância da filosofia, mais especificamente da metafísica, porque demonstra que esse discurso não é capaz de explicar racionalmente tudo o que acontece no mundo. Este questionamento é um dos propósitos da literatura fantástica como pode ser deduzido de **Marbre**: une lecture du fantastique chez Pieyre de Mandiargues (Andrade, 1985). Em sua tese, Andrade afirma que a literatura fantástica é uma herdeira direta do positivismo, mas que, por sua vez, nasce em direção contrária à corrente filosófica. Enquanto essa buscava uma explicação racional para todos os fenômenos do universo, a literatura fantástica se propunha a demonstrar, através do insólito, a insuficiência da ciência e da filosofia

⁵ Cirlot, no **Dicionário de símbolos**, define o espelho como *símbolo da multiplicidade da alma, de sua mobilidade e adaptação aos objetos que a visitam ou retêm o seu interesse*. Esta definição já sugere questionamento da indivisibilidade da alma, porque o espelho é um objeto próprio para ela apresentar-se múltipla.

como discursos totalizantes, capazes de oferecer explicações satisfatórias para tudo. Isso acontece em “O espelho”. Uma vez que não existe explicação racional para as variações de imagens do protagonista, é colocada em questão a suficiência da metafísica para explicar o fato de o homem possuir duas almas, como afirma Jacobina. (Andrade, 1985, p. 20)

Outro elemento característico da narrativa fantástica presente no conto é a presença do narratário. Furtado declara que o leitor implícito não é um fator determinante do texto fantástico, mas quando se faz presente serve para conferir a ambigüidade ao texto (Furtado, 1980, p. 78). Todorov talvez seja o crítico do fantástico que tenha atribuído maior importância ao leitor implícito. Assegura que a hesitação do narratário caracteriza uma narrativa como fantástica: *Para definir um texto como fantástico, é necessário o leitor hesitar entre uma explicação natural e sobrenatural dos acontecimentos evocados.* (Todorov, 1975)

Aproveitando o raciocínio de Todorov, Furtado afirma que o narratário deve antecipar a reação do leitor empírico, ao experimentar uma percepção ambígua e perplexa dos acontecimentos (Furtado, 1980, p. 80). Jacobina narra sua história aos seus colegas que, impedidos de maiores questionamentos, se limitam a intervenções monossilábicas. Essas mediações, por sua vez, servem como motivação para Jacobina prosseguir sua história. No final da narrativa, o primeiro narrador apresenta os companheiros de discussão tão atônitos com o caso do protagonista, que não são capazes de notar sua ausência.

O motivo da abstração dos narratários é, certamente, o fato de não haver uma explicação racional para os acontecimentos vivenciados por Jacobina. Essa reação das personagens também é responsável por conferir ambigüidade à narrativa fantástica. Furtado confirma este raciocínio, quando declara:

(...) o narratário (e, por via dele, o leitor real) deverá ser presa de dúvida, experimentando uma percepção ambígua que ora lhe aponte o sobrenatural como uma séria possibilidade, ora lhe recorde que as leis naturais não podem ser infringidas e qualquer ocorrência que simule superá-las não passa de pura ilusão. (Furtado, 1980, p. 80)

A ambigüidade, confirmada pela incapacidade dos narratários de oferecer uma solução para a história do protagonista, ao lado da introdução do insólito, verossimilhança e narrativa em primeira pessoa são marcas determinantes da natureza fantástica de “O Espelho”. Além das exigências formais da narrativa, pode ser encontrada no conto o que Andrade define como uma das idéias capitais do fantástico: a encenação de qualquer coisa inesperada, que perturba um certo sentimento habitual de existência e o mundo sensível será subitamente desconcertado. (Andrade, 1985, p. 11)

Essa questão é o cerne de “O Espelho”, já que o fato de a lâmina não refletir a imagem de Jacobina apresenta uma crítica ao meio social e a fraqueza psicológi-

ca da personagem, além de questionar a validade do discurso filosófico acreditado como totalizante.

CONCLUSÃO

Em *A história da literatura como provocação à teoria literária*, Jauss reclama a participação do leitor na escrita da historiografia literária, porque acredita que a história e a historicidade da literatura repousam no experimentar dinâmico das obras por seus leitores (Jauss, 1994, p. 24). Mas, apesar de toda sua preocupação, não apresenta o perfil do sujeito-ledor que fosse capaz de realizar o seu projeto. Resta àqueles que se interessam pela Estética da Recepção, a tentativa de definir um conceito de leitor.

A análise aqui apresentada foi possível graças à leitura da obra de Machado de Assis por Murilo Rubião, que pode ser considerado um leitor especializado. Essa denominação deve-se ao fato de se tratar de um escritor de literatura fantástica que teria mais facilidade para identificar traços deste texto na obra de outros autores. Perrone-Moisés considera tão positiva a recepção da obra de um escritor por outro que afirma serem esses leitores os responsáveis pelo destino da história da literatura.

Entretanto, não é, ao meu ver, o leitor comum (abstração que se pode concretizar-se como sombra, pela via indireta e enganadora das tiragens, das vendas ou dos documentos relativos à distribuição), nem o crítico (apesar do peso já mais efetivo de seus julgamentos, pelo fato de estes serem escritos e públicos), mas sim o leitor que se torna escritor quem vai definir o futuro das formas e dos valores. O que leva a literatura a prosseguir sua história não são as leituras anônimas e tácitas (que têm um valor inverificável e uma influência nula, em termos estéticos), mas as leituras ativas daqueles que as prolongarão por escrito em novas obras. (Perrone-Moisés, 1982, p. 8)

Com essa declaração, Perrone-Moisés ignora a participação do leitor comum e privilegia o leitor especializado na escrita da história da literatura. Essa atitude restritiva é questionável, porque a escrita historiográfica se torna privilégio de poucos, o que não parece ser o desejo de Jauss. Se for considerado apenas o leitor específico, que lê a obra de acordo com as suas convicções, haverá, talvez, um prejuízo na avaliação do processo recepcional, porque será pautado por um único ponto de vista. Entretanto, deve-se proceder ao relacionamento dos pontos interessantes da proposta de Perrone-Moisés com a declaração de Rubião sobre as características do texto fantástico na obra de Machado de Assis.

Perrone-Moisés considera os escritores-críticos como os responsáveis pelo prosseguimento da história da literatura porque suas leituras suscitam novas indagações, que ocupam um lugar de destaque no contexto histórico literário (Perrone-Moisés, 1982, p. 8-9). Apesar de Murilo Rubião não poder ser considerado um escri-

tor-crítico, uma vez que se dedicava à elaboração de sua ficção e não à crítica literária, suas declarações sobre a obra de Machado de Assis contribuem de maneira significativa para o estudo do autor e da história da literatura.

Jauss afirma que, a partir de suas características internas, a obra predispõe o público que irá recebê-la, o que ele denomina de horizonte de expectativas (Jauss, 1994, p. 28). Acredita residir o valor estético de uma obra literária em sua capacidade de frustrar as expectativas tradicionais (Jauss, 1994 p.31). Rubião sanciona um novo horizonte de expectativas para Machado quando afirma ser o autor o precursor do realismo fantástico na literatura brasileira, porque demonstra que as leituras convencionais de Machado podem se realizar sob uma nova perspectiva.

A afirmativa de Rubião, por sua vez, não autoriza tachar Machado de Assis como um escritor realista fantástico. Apesar dos traços da narrativa fantástica estarem presentes em “O espelho”, a obra do escritor como um todo não pode ser classificada como realista fantástica. Além da introdução do insólito, o texto fantástico se caracteriza por uma determinada estrutura narrativa, o que acontece muito esparsamente nas narrativas machadianas. A sugestão de Rubião, talvez, não se deva à verificação sistemática destas marcas nos contos, novelas e romances de Machado, mas à possibilidade de o insólito promover a reflexão sobre a existência humana, tal como possibilita o texto fantástico.

Mais importante que considerar ou não Machado de Assis o precursor do realismo fantástico no Brasil é aproveitar a sugestão de Murilo Rubião para refletir sobre a escrita da história da literatura brasileira. Além da sanção de um novo horizonte de expectativas, outro ponto interessante é o questionamento da preponderância da cronologia linear que caracteriza a escrita historiográfica. Quando se refere a Machado, como precursor da literatura fantástica no Brasil, Rubião sugere uma revisão dos critérios cronológicos porque mostra que o esquema tradicional de influências antecessor/sucessor não é determinante para a história da literatura. É o sucessor quem aponta as peculiaridades do texto de seu predecessor, através do processo de leitura.

As conclusões resultantes da análise da declaração de Rubião sobre Machado – a existência de um novo horizonte de expectativas e a revisão da cronologia – permitem considerar a Estética da Recepção como um recurso viável para escrever a história da literatura. Quaisquer que sejam os caminhos, essa escrita se realizará sob a óptica do leitor. Machado de Assis, na introdução de **Papéis avulsos**, parece antecipar as inferências de Murilo Rubião quando declara estar o livro nas mãos do leitor (Assis, 1955, p. 5). Admitindo a pluralidade de leituras, já que o leitor tem o poder de determinar se uma estória é ou não um conto, ou se o livro é uma reunião de estórias esparsas, Machado já aponta o móvel da História da Literatura, que se deseja escrita pela Estética da Recepção: a multiplicidade de pontos de vista dos leitores.

RÉSUMÉ

Murilo Rubião, écrivain brésilien né à Minas Gerais, et considéré le précurseur du “réalisme fantastique” dans la littérature brésilienne, a affirmé plusieurs fois que Machado de Assis – une de ses influences les plus remarquables – est celui qui véritablement mérite d’être ainsi nommé. En essayant de discuter soit la viabilité de cette affirmation de Murilo Rubião, soit les contributions que la réception de l’oeuvre d’un écrivain par un autre peut apporter à l’Histoire de la Littérature Brésilienne, cet article essaie d’analyser la présence des caractéristiques propres à la littérature fantastique dans “O espelho”, conte de Machado de Assis.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Vera Lúcia. **Marbre: une lecture du fantastique chez Pierye de Mandiargues**. Thèse de Tróisième cycle. Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle-Paris III, 1985.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Papéis avulsos**. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira Ltda, 1955. O espelho, p. 2-3.
- BOECHAT, Maria Cecília. **Paraísos artificiais: o romantismo de José de Alencar e sua recepção crítica**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1997.
- BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas II**. Buenos Aires: Emecé, 1989. Kafka y sus precursores, p. 307-309.
- CIRLOT, Juan Eduardo. **Dicionário de símbolos**. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984.
- FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1980.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.
- RUBIÃO, Murilo. A opção pelo fantástico: entrevista com Murilo Rubião por Elizabeth Lowe. **Revista de Literatura – Escrita**, 1979.
- SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991.
- TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- ZILBERMAN, Regina, LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.